

DO MULTICULTURALISMO AO INTERCULTURALISMO: O PENSAR DE JOSÉ SARAMAGO

DA FONSECA E SÁ, MARIA IRENE
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMEN

Saramago reflexiona sobre la riqueza del multiculturalismo y reaviva la discusión sobre la utopía de un mundo plural, donde las diferencias se respetan y sirven para enriquecer a una nación. En este sentido, se analiza la interculturalidad, que se refiere a la interacción entre culturas de forma recíproca, según la obra de José Saramago. El trabajo hace uso de la investigación cualitativa, ya que el objetivo es la investigación exploratoria y en cuanto a los procedimientos técnicos, implica el análisis de varias publicaciones de Saramago. En opinión de Saramago, la humanidad ha perdido la razón y se niega a examinar los errores del pasado y produce otros nuevos. Saramago alerta a sus lectores sobre los problemas actuales y busca llevarlos a reflexionar sobre los hechos cotidianos.

Palabras clave: *Multiculturalismo, interculturalismo, José Saramago, relaciones interculturales, diferencias.*

ABSTRACT

Saramago reflects on the richness of multiculturalism and rekindles the discussion of the utopia of a plural world, where differences are respected and serve to enrich a nation. In this sense, interculturalism, which refers to the interaction between cultures in a reciprocal way, is analyzed according to the work of José Saramago. The work makes use of qualitative research, as the objective is exploratory research and as to the technical procedures, it involves the analysis of several publications by Saramago. In Saramago's view, humanity has lost its reason and refuses to examine past mistakes and produces new ones. Saramago, alerts his readers to current problems and seeks to lead them to reflect on everyday facts.

Keywords: *Multiculturalism, interculturalism, José Saramago, intercultural relations, differences.*

INTRODUÇÃO

OMULTICULTURALISMO é uma questão importante na sociedade da informação e um dos pontos-chave do multiculturalismo é a questão da diferença. Saramago reflete sobre a riqueza do multiculturalismo e reacende a discussão da utopia de um mundo plural, onde as diferenças são respeitadas e servem para enriquecer uma nação. Nesse sentido, o interculturalismo, que se refere à interação entre culturas de uma forma recíproca, será analisado segundo a obra de José Saramago. O trabalho vale-se da pesquisa qualitativa. Quanto ao objetivo é pesquisa exploratória e quanto aos procedimentos técnicos envolve a análise de diversas publicações relativas às questões de multiculturalismo e interculturalismo.

O objetivo da pesquisa é discutir a visão do escritor português José Saramago sobre o diálogo entre as diversas culturas. Saramago dizia que:

O escritor, se é pessoa do seu tempo, se não ficou ancorado no passado, há-de conhecer os problemas do tempo que lhe calhou viver. E que problemas são esses hoje? Que não estamos num mundo aceitável, bem pelo contrário, vivemos num mundo que está a ir de mal a pior e que humanamente não serve. (Saramago, 2009b, p. 157)

Portanto, Saramago, sempre crítico e desassossegado, denuncia em seus romances e em suas falas os problemas que ele identifica na sociedade contemporânea e busca fazer com que seus leitores considerem o seu estar no mundo.

Em seu Discurso de Estocolmo, pronunciado no Banquete Nobel em 10 de dezembro de 1998, ele alertava que «As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra» (Saramago, 1998, pp. 21-22). E, quanto à Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH), ele denunciava que «Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumprí-lo os Governos [...] Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos». (Saramago, 1998, p. 22)

Assim, Saramago conclamava seus leitores para olhar o mundo e refletir sobre as suas atuações numa sociedade globalizada. Na atualidade, a globalização pode ser entendida em grande parte como um processo de inúmeras culturas que interagem entre si.

A DUDH, em seu artigo 2, diz que:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (ONUBR, 2009)

No entanto, sabe-se que na prática isso não acontece e, é precisamente o que é apontado por Saramago.

É fato que a globalização propiciada pelo progresso e evolução das tecnologias provoca o aumento da produtividade e o crescimento econômico, mas também pode provocar efeitos não desejados sobre a distribuição de renda da população, na medida em que alguns se tornam mais capazes de se apropriar do excedente do que outros. Assim, a desigualdade social gerada pela globalização e o deslocamento do poder para quem detém o acesso à informação são desafios atuais.

A globalização envolve, principalmente, a intensificação das relações sociais e a diminuição das distâncias espaciais e temporais, propiciadas pela evolução tecnológica e dos meios de comunicação. Assim, o que está longe fica perto e a mescla de povos e culturas está em ascensão.

No entanto, existe a memória do passado a qual não é fácil de apagar e a globalização acentuou de forma dramática a percepção das desigualdades entre os povos.

Rodrik afirma que «[...] a globalização engendra conflito dentro e entre as nações com relação às normas domésticas e às instituições sociais que as incorporam» (Rodrik, 2011, p. 7).

Portanto, em sociedades plurais, em que numa mesma sociedade há a incidência de diferentes culturas e a existência de identidades nacionais, étnicas, religiosas ou raciais distintas, o efeito da globalização pode ser desastroso e deve merecer ação especial das políticas governamentais.

Rodrik lembra que não é a primeira vez que se experimenta um mercado global:

Quando as ferrovias e os navios a vapor baixaram o custo do transporte e a Europa partiu para o livre-comércio no final do século XIX, ocorreu uma convergência dramática nos preços dos commodities (Williamson, 1996). Os fluxos de mão de obra eram também consideravelmente mais altos na época, pois milhões de imigrantes partiram do Velho para o Novo Mundo. (Rodrik, 2011, p. 11)

E, portanto, já ocorriam os problemas que envolviam as sociedades plurais.

Assim, na visão de Saramago, a humanidade perdeu a razão e se recusa a examinar os erros passados e produz novos erros. Saramago, atento ao mundo em que vivia, alerta os seus leitores para os problemas atuais e busca levá-los à reflexão sobre fatos cotidianos, principalmente no que diz respeito a valores morais e culturais. E, Saramago proclama: «Se não nos defendermos, o gato da globalização acabará por engolir o rato dos direitos humanos» (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 474).

Nesse sentido, este trabalho vai discorrer sobre o multiculturalismo e a questão da tolerância e sobre o interculturalismo em que se almeja o diálogo entre as diferentes culturas.

MULTICULTURALISMO E INTERCULTURALISMO

O multiculturalismo refere-se ao pluralismo cultural, em que se têm, em simultâneo, várias culturas num mesmo território/região/país.

Neste sentido, Gutmann diz que:

As sociedades e comunidades multiculturais que defendem a liberdade e a igualdade para todos baseiam-se no respeito mútuo pelas diferenças culturais, políticas e intelectuais que não ultrapassem os limites do bom-senso. O respeito mútuo implica, por sua vez, a vontade e capacidade generalizadas de conciliar os nossos desentendimentos, de defendê-los perante aqueles de quem discordamos, de discernimos entre divergência respeitável e desrespeitável, e de nos abriremos e sermos receptivos à mudança quando precedida de crítica bem fundamentada. (Gutmann apud Taylor, 1994, p. 43)

Portanto, multiculturalismo não significa o fim das diferenças, mas a valorização das diferenças que enriquecem a cultura de uma nação.

Semprini fala da questão da diferença no multiculturalismo:

Um dos pontos-chave do multiculturalismo é a questão da diferença. Como se pode tratar a diferença? Qual é o seu lugar dentro de um sistema social? A diferença é um fator de enriquecimento ou, ao contrário, um empobrecimento? Um trunfo ou uma ameaça? Para chegarmos a uma resposta, importa relembrar que a diferença não é simplesmente, ou unicamente, um conceito filosófico, uma forma semântica. A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e encontra-se inserida no processo histórico. Assim, é impossível estudar a diferença desconsiderando-se as mudanças e evoluções que fazem dessa ideia uma realidade dinâmica. Constatada em determinado momento e sociedade, qualquer diferença é, ao mesmo tempo, um resultado e uma condição transitória. Resultado, se consideramos o passado e privilegiamos o processo que resultou em diferença. Mas ela é, igualmente, um estado transitório, se privilegiamos a continuidade da dinâmica, que vai necessariamente alterar este estado no sentido de uma configuração posterior. (Semprini, 1999, p. 11)

Assim, Semprini fala da diferença como componente de um processo histórico, em que é necessária uma constante atualização e revisão. A diferença que hoje é um problema, pode se tornar numa vantagem em algum tempo futuro.

Saramago lembra, em seu livro *Viagem a Portugal*, que

O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso

voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. (Saramago, 1997, p. 387)

Portanto, pode-se dizer que as diferenças numa sociedade plural podem e devem ser constantemente analisadas e avaliadas de forma a possibilitar o enriquecimento cultural dessa mesma sociedade.

Jullien afirma que:

[...] tratar do diverso das culturas em termos de diferença conduzirá a querer isolar e fixar cada uma delas em sua identidade. Ora, isso é impossível, já que o próprio do cultural é de mudar e de transformar-se [...] Uma cultura que não se transforma mais é uma cultura morta. (Jullien, 2017, p. 41)

Nesse sentido, Saramago reflete sobre a riqueza do multiculturalismo no Brasil, proveniente da imigração, divulgada na obra de Jorge Amado, que retoma a discussão da utopia de um mundo plural, onde as diferenças são respeitadas e servem para enriquecer uma nação.

[...] a complexa heterogeneidade, não só racial, mas cultural, da sociedade brasileira. [...] Não ignorávamos a emigração portuguesa histórica nem, em diferente escala e em épocas diferentes, a alemã e a italiana, mas foi Jorge Amado quem veio pôr-nos diante dos olhos o pouco que sabíamos sobre a matéria. O leque étnico que refrescava a terra brasileira era muito mais rico e diversificado do que as percepções europeias, sempre contaminadas pelos hábitos selectivos do colonialismo, pretendiam dar a entender: afinal, havia também que contar com a multidão de turcos, sírios, libaneses e *tutti quanti* que, a partir do século XIX e durante o século XX, praticamente até os tempos actuais, tinham deixado os seus países de origem para entregar-se, em corpo e alma, às seduções, mas também aos perigos, do eldorado brasileiro. (Saramago, 2009a, p. 61-62)

No entanto, Semprini alerta que a convivência com as diferenças não é um processo simples:

A experiência da diferença gera tensões e resistências que podem ser analisadas sob uma perspectiva exclusivamente sociopolítica, como sendo conflitos pela redistribuição do poder, recursos econômicos, meios de produção, controle social. Mas o multiculturalismo coloca questões mais fundamentais, relativas à capacidade de um sistema social integrar uma diferença autêntica, que não seja comandada «por cima», nem «pasteurizada» para se tornar digerível. Os principais modelos de espaço social multicultural parecem ter uma dificuldade intrínseca de integralizar a diferença. (Semprini, 1999, p. 171)

Corroborando com Semprini, Saramago discorre sobre o fluxo cultural e os conflitos culturais em sociedades multiculturais:

Temo-nos habituado à ideia de que a cultura é uma espécie de panaceia universal e de que os intercâmbios culturais são o melhor caminho para a solução dos conflitos. Sou menos otimista. Creio que só uma manifesta e activa vontade de paz poderia abrir a porta a esse fluxo cultural multidireccional, sem ânimo de domínio de qualquer das suas partes. Essa vontade talvez exista por aí, mas não os meios para a concretizar (Saramago, 2009b, p. 217).

Saramago, sempre perspicaz e atento ao funcionamento da engrenagem que se chama humanidade, manifesta sua preocupação com a discriminação que é um dos produtos do reconhecimento das diferenças: «O problema não está em sermos diferentes, quando falamos de diferenças, de diferentes, estamos involuntariamente a introduzir um outro conceito, o conceito de superior e de inferior. É aí que as coisas se complicam» (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 484).

Outra questão importante diz respeito à tolerância da diversidade cultural. Quanto à palavra intolerância, ele chega a afirmar que a mesma não deveria existir no dicionário:

[...] essa detestada palavra que se escreve com as letras de «intolerância», sombra dos nossos dias, pesadelo das nossas noites, assombração regressada ao mundo quando, ingênuos ou estúpidos, a julgávamos banida dele para sempre [...]. Assim lançada fora a maldita, expulsa por uma vez dos dicionários, ficaríamos a viver na boa paz da sua contrária, a humanitária e doce «tolerância» [...] (Saramago, 2011, p. 36)

No entanto, Saramago também não poupa críticas à palavra tolerância:

[...] Quantas pessoas hoje intolerantes foram tolerantes ainda ontem? Tolerar (ensina o infalível Moraes) é «suportar com indulgência; suportar. Permitir tacitamente (o que é censurável, perigoso, merecedor de castigo, etc.) Permitir por lei (cultos diferentes dos da religião considerada como do Estado). Admitir, permitir. Suportar, assimilar, digerir». Boa abonação da última acepção, digo eu, seria, por exemplo, a seguinte frase: «O meu estômago não tolera o leite», o que extrapolando, significa que o tolerante poderia alegar que o seu estômago, na realidade, não suporta negros nem judeus, nem ninguém dessa raça universal a que chamamos imigrantes, mas que, tendo em conta certos deveres, certas regras, e não raramente certas necessidades muito materiais e práticas, está disposto a permiti-los, a suportá-los com indulgência, provisoriamente, até o dia em que a paciência se esgote ou as vantagens proporcionadas pela imigração venham a sofrer diminuição sensível. (Saramago, 2011, p. 39)

Em geral, é o que se percebe e Saramago questiona:

Observados os comportamentos e as situações, que é então a tolerância senão uma intolerância ainda capaz de vigiar-se a si mesma, temerosa de ver-se denunciada aos seus próprios olhos, sempre sob a ameaça de um momento em que as circunstâncias a obriguem a deixar cair a máscara das boas intenções que outras circunstâncias lhe tinham colado à pele como aparentemente sua própria? (Saramago, 2011, p. 38)

E, ele proclama:

Tolerantes somos, tolerantes iremos continuar a ser. Mas só até ao dia que tê-lo sido nos venha a parecer tão contrário à humanidade como hoje nos parece a intolerância. Quando esse dia chegar –se chegar alguma vez–, começaremos a ser, enfim, humanos entre humanos. (Saramago, 2011, p. 40)

Portanto, segundo Saramago, os dois termos não deveriam existir no relacionamento entre seres humanos. O que é necessário é uma verdadeira e recíproca interação entre as diferentes culturas.

Outro perigo encontra-se no conceito de igualdade em sociedades plurais. Ao se falar de igualdade está-se a negar a diversidade e as diferenças que representam a riqueza de uma sociedade.

Assim, chega-se ao interculturalismo que se refere à interação entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o seu convívio e integração assente numa relação baseada no respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo e que tem como princípio elementar a defesa da autonomia dos parceiros nas relações interculturais.

O interculturalismo pressupõe o entendimento de que todas as culturas são igualmente valiosas, portanto, discorda de políticas e práticas culturais que se baseiam na dominação, repressão ou anulação da heterogeneidade.

Jullien fala de pensar o diálogo entre as culturas:

Ao retirar pouco a pouco, e reciprocamente, cada perspectiva de sua própria exclusão – não de sua posição, mas do bloqueio e enclausuramento que ignora o outro – o dia-logo faz emergir progressivamente um campo de inteligência compartilhada onde cada qual começa a escutar o outro. (Jullien, 2017, p. 74)

A pluralidade e a heterogeneidade da sociedade contemporânea demandam o respeito à multiplicidade de pertencas e de referências, de forma plural, contínua e complementar.

E Jullien conclui:

[...] em um mundo que acaba de se globalizar [...] é exatamente no entre que se descobre o recurso: se o termo ‘intercultural’ tem sentido, ele consiste em desdobrar o entre e a entre-vista como uma nova dimensão do mundo e da cultura. (Jullien, 2017, p. 78)

Portanto, o interculturalismo contribui para o fortalecimento da coesão socio-cultural, da cidadania e da construção de uma sociedade plural, bem como para a promoção do desenvolvimento da alteridade, da comunicação intercultural entre indivíduos, grupos e nações. O interculturalismo apresenta-se como uma proposta de amadurecimento da política multicultural.

Em seguida, analisam-se dois romances de José Saramago: *A jangada de Pedra* e *A caverna*, de forma a identificar novas práticas culturais no diálogo crítico entre José Saramago e a teoria do interculturalismo.

A JANGADA DE PEDRA

O romance *A jangada de pedra* foi publicado em 1986, logo após o ingresso de Portugal e Espanha na então Comunidade Econômica Europeia e com uma tiragem de 40.000 exemplares. Neste romance, a alegoria do deslocamento da Península Ibérica, provocando a aproximação de Portugal e Espanha com os continentes americano e africano, aponta para uma identificação desses países com a América Latina e a África e uma reformulação de antigas relações e posições de poder. O próprio autor, Saramago, discorre sobre a metáfora que é o romance *A jangada de pedra*.

[...] separou do continente europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direção ao Sul do mundo, «massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais», a caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico, desafiando assim, a tanto a minha estratégia se atreveu, o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte vêm exercendo naquelas paragens... Uma visão duas vezes utópica entenderia esta ficção política como uma metáfora muito mais generosa e humana: que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo. (Saramago, 1998, pp. 15-16)

E, explica sua intenção:

[...] é que o autor apreciaria que a Europa deixasse de ser o continente egoísta que foi até hoje para se converter, interpretando de uma maneira nova as suas tradições, a sua cultura, a sua História, numa entidade moral que acrescentasse ao que tem de positivo uma dimensão que até agora não assumiu, de tal maneira que viesse a ser no mundo um elemento de defesa dos valores de humanidade e reconhecimento dos direitos dos povos que no passado, e seguramente também no futuro, de uma forma ou de outra forma continuarão a ser ignorados. *A Jangada de Pedra* foi, na in-

tenção do autor, uma espécie de proposta para a formação de uma nova área cultural, que não seria já a bacia cultural mediterrânica, porque essa cumpriu o seu papel, mas sim uma bacia cultural do Atlântico Sul. A Península Ibérica, entre a América do Sul e a África, tornada ilha, cercada de mar por todos os lados, comunicando com tudo que está fora dela. É a utopia. (Saramago, 2013, p. 27-28)

Assim, Saramago coloca em questão as mudanças políticas, econômicas e culturais do mundo, em que novos agentes despontam no cenário internacional e novos valores culturais emergem, contradizendo a soberania eurocêntrica no mundo.

E ele ressalta a dificuldade de conviver com as diferenças:

O novo prêmio denomina-se *A Europa e a Cultura*, e na sua fundamentação lêem-se as seguintes palavras: «Ser europeu é, em primeiro lugar, aprender a viver, na diferença com os seus vizinhos. Isto significa dialogar e cooperar, estabelecer uma relação em que cada um existe porque reconhece a existência dos outros, em que cada um se define e exprime graças à sua cultura, em que cada um constrói a sua autonomia e a sua identidade, ao mesmo tempo em que reconhece nos outros o direito e a possibilidade de construir igualmente a sua autonomia e a sua identidade. « Dir-se-á que tudo isto é bastante óbvio. Simplesmente, não convém confundir o óbvio com o facto adquirido, como tantas vezes sucede. Enchemos a boca com o direito de cada um à sua diferença, mas, no dia-a-dia, negamo-lo ou contrariamo-lo sem olhar a pretextos. (Saramago, 1999, p. 47)

No romance, são cinco as personagens principais, três portugueses e dois espanhóis, demonstrando a união e a identidade entre os mesmos. As mulheres engravidam simbolizando o renascimento de um povo. E a Península estaciona entre a Europa (de onde partiram as navegações para os descobrimentos), a África (de onde veio a invasão islâmica para a Península Ibérica e, mais tarde, os escravos) e a América, continente que foi colonizado, principalmente, pela Espanha e Portugal.

Saramago discute a cultura ibérica:

Sim, acho que existe uma identidade cultural ibérica que a diferencia claramente do resto da Europa. Trata-se de uma unidade que não anula, mas, pelo contrário, une a diversidade cultural própria dos povos peninsulares [...]. Acho que estas diferenças devem ser defendidas e preservadas, não quero que se entenda que pretendo qualquer tipo de uniformidade; [...] sinto que existe uma unidade, uma identidade cultural que flutua nessa diversidade [...]. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 415)

Portanto, *A jangada de pedra* indica, através da movimentação da Península Ibérica, intercâmbios culturais que podem potencializar mudanças nas hierarquias culturais e possibilitar a rearticulação das nações no mundo. Pode-se afirmar que Saramago no romance *A jangada de Pedra* discute o interculturalismo no contexto internacional.

A CAVERNA

No romance *A caverna*, Saramago traz sua crítica para a sociedade do espetáculo que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais, em que o ser humano não perde o emprego mas a função. É a sociedade da exibição, em que prevalecem os verbos comprar e vender. A caverna é simbolizada pelo centro comercial, onde toda a vida e verdade se concentra.

Saramago interpela:

O problema que se coloca é: que tipo de vida queremos? O único lugar público seguro que existe é o centro comercial, como antes era o parque, a rua, a praça. [...] O centro comercial é a nova catedral e a nova universidade: ocupa o espaço de formação da mentalidade humana. Os centros comerciais são um símbolo. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 487-488)

Neste romance destaca-se a personagem Cipriano Algor, um homem simples, mas sábio e experiente, que questiona a vida no centro comercial e proclama: «Vivi, olhei, li, senti» (Saramago, 2000, p. 77), e assim, agrega razão e sentimento, ciência e senso comum, escrita e oralidade. Saramago valoriza a cultura resultante do saber oral que frequentemente é negligenciada como inferior.

É a personagem Cipriano Algor, que com sabedoria discute o mundo atual, dizendo: «Trabalhas, trabalhas e trabalhas, e um dia [...] dizem-te que o que fizeste não serviu para nada» (Saramago, 2000, p. 43). E, ainda, «Como é que uma pessoa se prepara para levar uma martelada na cabeça» (Saramago, 2000, p. 42).

No romance, o centro comercial agrega a movimentação financeira, cultural, política e científica e governa a movimentação das áreas suburbanas, dos polos industriais e agrícolas. Assim, o centro representa a centralização e a unificação de regras e de modelos culturais e sociais.

Saramago fala sobre o romance:

O que *A Caverna* faz é perguntar ao leitor: «Seremos nós como os prisioneiros da Caverna de Platão que acreditavam que as sombras que se moviam na parede eram a realidade? Estaremos vivendo num mundo de ilusões? Que temos feito do nosso sentido crítico, da nossa exigência ética, da nossa dignidade de seres pensantes?» Que cada um dê a sua resposta [...]. (Saramago, 2013, p. 40)

Portanto, *A caverna* apresenta dois mundos divergentes: o mundo da cultura oral, do artesanato, das relações familiares e o mundo da escrita, das produções industrializadas, do capitalismo. Nesse choque, as duas culturas se confrontam. O Centro se mostra mais forte e capaz de absorver o outro meio, ao qual pertence

a família de oleiros de Cipriano Algor. No entanto, as personagens da família de oleiros se recusam a aceitar a realidade do centro.

Neste romance, Saramago leva seus leitores a pensar sobre o interculturalismo no contexto nacional.

CONSIDERAÇÕES

Ao analisar os dois romances, *A jangada de Pedra* e *A caverna*, percebe-se que as experiências de vida podem e devem ser encaminhadas para o crescimento e o amadurecimento dos seres humanos em suas relações sociais e culturais, de forma que cada ser humano possa fazer a sua escolha quanto ao seu pertencimento no que se refere a ambientes sócio-culturais.

Conclui-se que o interculturalismo é uma proposta desafiadora que tem como cerne a defesa da autonomia dos seres humanos nas relações interculturais, de modo que o amadurecimento do ser humano como sujeito cultural implique no despertar da consciência sobre a importância de seus valores culturais e sobre seus direitos e deveres no que diz respeito às relações humanas.

Saramago conclama seus leitores para a reflexão sobre a sociedade em que se vive:

A pergunta que todos devíamos colocar-nos é: O que é que eu fiz se nada mudou? Deveríamos viver mais no desassossego. O amanhã não acontecerá se não mudarmos o hoje. Como se conta em *A Caverna*, tudo o que levamos às costas na vida são vésperas e todas essas vésperas, incluindo a desesperança, a desilusão, são as que influenciam o amanhã. É preciso fazer o trabalho todos os dias com as mãos, a cabeça, a sensibilidade, com tudo. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 371)

E, descrente do agir do ser humano, ele alerta:

Só espero que as mesmas multidões que derrubaram o Muro de Berlim não se lembrem um dia de voltar à rua para aplaudir, num contexto político diferente, outros muros e outras fortalezas: como sabemos, a espécie humana não é muito de fiar... (Saramago, 2015, p. 190)

Saramago, cético, crítico e irônico, através de suas obras, encaminha seus leitores para reverem seu estar no mundo e meditem sobre a pluralidade cultural e os direitos de cada ser humano.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, F.G. (2010). *José Saramago nas suas palavras*. 2ª. ed. Caminho.

- JULLIEN, F. (2017). *Não há identidade cultural: mas nós defendemos as fontes de uma cultura* (Tradução Lucas Graeff e Maria Luiza Berwanger). Ed. Unilasalle.
- ONUBR - NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. (2009). <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>
- RODRIK, D. (2011). *A Globalização foi longe demais?* Editora UNESP.
- SARAMAGO, J. (2015). *Folhas políticas*. Porto Editora.
- SARAMAGO, J. (2013). *A estátua e a pedra*. Fundação José Saramago.
- SARAMAGO, J. (2011). *Cadernos de Lanzarote: Diário V*. Editorial Caminho.
- SARAMAGO, J. (2009a) *O Caderno*. Editorial Caminho.
- SARAMAGO, J. (2009b). *O Caderno 2*. Editorial Caminho.
- SARAMAGO, J. (2006). *A jangada de pedra*. Companhia das Letras.
- SARAMAGO, J. (2000). *A caverna*. Companhia das Letras.
- SARAMAGO, J. (1999). *Cadernos de Lanzarote: Diário III*. Editorial Caminho.
- SARAMAGO, J. (1998). *Discursos de Estocolmo*. Fundação José Saramago.
- SARAMAGO, J. (1997). *Viagem a Portugal*. Companhia das Letras.
- SEMPRINI, A. (1999). *Multiculturalismo* (Tradução Laureano Pelegrin). EDUSC.
- TAYLOR, C. (1994). *Multiculturalismo* (Tradução Marta Machado). Instituto Piaget.